

Sonhos, Fantasias e Narrativas Infantis: Métodos de Coleta e Interpretação à Luz da Psicanálise

Andreia Lourenço da Silva¹
José Deusimar Rodrigues²
Francisco Elenilton Rodrigues³
Orientadora: Bruna Germana Nunes Mota⁴

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar os sonhos, as fantasias e as narrativas infantis enquanto expressões simbólicas fundamentais para a compreensão do mundo interno da criança. Com base no referencial psicanalítico clássico e contemporâneo, discute-se a natureza desses fenômenos e os métodos mais adequados para sua coleta e interpretação em contextos clínicos e educacionais. Recorre-se às contribuições de Freud, Klein e Winnicott, bem como a autores contemporâneos que problematizam a escuta e a interpretação na infância. Conclui-se que a abordagem psicanalítica, quando adaptada à linguagem infantil — predominantemente não verbal —, permite acessar conflitos, desejos e processos de elaboração psíquica, reforçando a importância de uma postura ética e não intrusiva por parte do adulto.

Palavras-chave: Psicanálise da Infância; Sonhos Infantis; Fantasias Inconscientes; Narrativas Simbólicas.

1. Introdução

A infância constitui um período de intensa atividade simbólica, na qual conteúdos inconscientes se expressam por meio de sonhos, fantasias, brincadeiras e narrativas (Klein, 1997; Winnicott, 2005). Tais manifestações, longe de serem meras reproduções do real, representam tentativas de elaboração de experiências emocionais e conflitos

¹ Aluno de Graduação em Psicologia. E-mail:

² Aluno de Graduação em Psicologia. E-mail:

³ Aluno de Graduação em Psicologia. E-mail:

⁴ Orientadora e professora do Centro Universitário Ateneu. E-mail: bruna.mota@uniateneu.edu.br

internos, conformando o que Freud (1900/2019) denominou “via régia” para o inconsciente.

Na clínica psicanalítica com crianças, a interpretação desses materiais exige metodologias sensíveis e adaptadas ao desenvolvimento cognitivo e linguístico infantil. Diferentemente do setting tradicional com adultos, o trabalho com crianças demanda a utilização de recursos intermediários — como o brincar, o desenho e a encenação —, que operam como equivalentes à associação livre (Rosa, 2018; Silva & Lajonquière, 2020).

Neste artigo, propõe-se uma revisão teórico-metodológica sobre os procedimentos de coleta e interpretação de material onírico e fantasioso na primeira infância, destacando contribuições da psicanálise e discutindo implicações éticas e técnicas para a prática clínica e educacional.

2. Fundamentos Teóricos: Sonho, Fantasia e Narrativa na Psicanálise

2.1. A concepção Freudiana do sonho infantil

Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2019), Freud estabelece que o sonho é a realização alucinatoria de um desejo recalcado. Nos sonhos infantis, essa característica é particularmente nítida: o conteúdo manifesto aproxima-se do latente, com menor interferência da censura. Freud ilustra com o famoso sonho do “morango” — no qual a criança realiza o desejo de comer o fruto proibido —, demonstrando a transparência simbólica característica dessa fase. Processos primários como condensação e deslocamento já estão presentes, porém de forma menos complexa que no adulto.

2.2. Fantasias inconscientes e a contribuição Kleiniana

Melanie Klein (1932/1997) amplia a noção de inconsciente ao postular que fantasias inconscientes estão presentes desde os primórdios da vida psíquica. Para ela, a fantasia é a expressão mental dos impulsos e das relações de objeto internalizadas. Por meio da técnica do brincar interpretativo, Klein acessa essas fantasias, entendendo o jogo como representação simbólica de angústias e defesas primitivas, relacionadas às posições esquizo-paranoide e depressiva.

2.3. Winnicott e o espaço potencial

Winnicott (1971/2005) introduz o conceito de “espaço potencial” — uma área intermediária entre o eu e o mundo externo, onde se dá a experiência cultural, o brincar e o sonhar. Nesse espaço, a criança utiliza objetos transicionais e cria narrativas que lhe permitem transitar entre a realidade interna e externa. A interpretação, nessa perspectiva, deve ser sutil e preservar o caráter lúdico, sob risco de invadir o espaço criativo da criança.

2.4. Perspectivas contemporâneas

Autores como Lajonquière (2020) e Machado & Féres-Carneiro (2019) enfatizam a importância de se considerar a criança como sujeito de linguagem, ainda que sua expressão seja predominantemente corporal e imaginária. A narrativa — seja por meio de histórias, desenhos ou jogos — é compreendida como um dispositivo de simbolização e elaboração subjetiva.

3. Métodos de Coleta e Interpretação do Material Infantil

3.1. Abordagens para coleta de relatos oníricos

Em crianças pequenas, a linguagem verbal é insuficiente para relatar sonhos com riqueza de detalhes. Por isso, recorre-se a estratégias indiretas e projetivas:

- **Relatos espontâneos:** registrados no contexto de brincadeiras ou conversas informais;

- **Desenho do sonho:** a criança é convidada a desenhar o que sonhou, e o grafismo é analisado em seus aspectos formais e simbólicos (Machado & Féres-Carneiro, 2019);

- **Jogo dramático:** a encenação de elementos oníricos revela afetos e conflitos de modo não verbal.

3.2. O brincar como técnica interpretativa

Tanto Klein quanto Winnicott consideram o brincar um análogo da livre associação. Através da escolha de brinquedos, encenações e interrupções no fluxo lúdico, é possível identificar temas recorrentes — como agressividade, medo do abandono ou curiosidade sexual —, que refletem dinâmicas inconscientes.

3.3. Uso de narrativas e testes projetivos

Narrativas orais, escritas ou ilustradas permitem analisar a estruturação do pensamento e a organização de experiências emocionais. Instrumentos como o Children's Apperception Test (CAT-A) e o Desenho da Família são recursos válidos para acessar conflitos relacionais e afetivos (Silva & Lajonquière, 2020). A interpretação deve considerar não apenas o conteúdo, mas também a forma e o contexto de produção.

4. Considerações Éticas e a Escuta Não Intrusiva

A interpretação de material infantil exige cuidado ético para não impor significados alienantes. Rosa (2018) adverte contra leituras adultocêntricas que desconsideram a lógica infantil. A escuta psicanalítica deve ser aberta, suspensiva e capaz de acolher o inusitado, preservando o caráter enigmático e singular da produção simbólica da criança.

5. Considerações Finais

Sonhos, fantasias e narrativas infantis constituem territórios privilegiados para a investigação do psiquismo em formação. A psicanálise, com seu arsenal teórico e técnico adaptado à infância, oferece ferramentas potentes para compreender e intervir no desenvolvimento emocional e simbólico. A valorização do brincar, do desenho e da narrativa como linguagens legítimas reforça o estatuto da criança como sujeito desejante e produtor de sentido.

A prática clínica e educacional informada por essa perspectiva contribui para uma abordagem mais respeitosa e efetiva do mundo infantil, promovendo saúde mental e subjetiva desde os primeiros anos de vida.

Referências

- Aberastury, A. (1982). *A criança e seus jogos*. Porto Alegre: Artmed.
- Freud, S. (2019). *A interpretação dos sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900).
- Klein, M. (1997). O desenvolvimento precoce da consciência e seus mecanismos. In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (pp. 215–238). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932).
- Lajonquière, L. (2020). *Figuras do infantil: A psicanálise na vida cotidiana com as crianças**. São Paulo: Escuta.
- Machado, M. C., & Féres-Carneiro, T. (2019). O desenho infantil como expressão simbólica do inconsciente: uma abordagem psicanalítica. *Psicologia: Teoria e Prática*, 21(2), 214–228.
- Rosa, M. D. (2018). *A escuta psicanalítica na infância: ética e linguagem simbólica*. São Paulo: Zagodoni.
- Silva, R. F., & Lajonquière, L. (2020). Narrativas infantis e constituição subjetiva: uma leitura psicanalítica. *Estilos da Clínica*, 25(1), 67–83.
- Winnicott, D. W. (2005). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971).
- Zornig, S. (2017). *A criança e o infantil em psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.